

A Literatura Egípcia Antiga e os desafios de estudá-la no Brasil

The Ancient Egyptian Literature and the Challenges of Studying it in Brazil.

Alessandra Pinto Antunes do Vale ²

Artigo recebido em 23 de março de 2023

Artigo aceito em 12 de junho de 2023

RESUMO: O artigo aborda a ascensão da disciplina de Egiptologia no país e sua posição periférica em comparação com o estudo das culturas clássicas. Nesse contexto, a literatura egípcia, apesar de seu valor, recebe pouca atenção, sendo raramente abordada em livros didáticos e cursos universitários. A importância de explorar essa literatura para entender a sociedade antiga é ressaltada, e aqui destacamos como os aspectos socioculturais podem contribuir para compreender a mentalidade da época. Discute-se, ainda, a definição de literatura e como a produção literária egípcia estava interligada com a língua escrita e a evolução linguística. O texto também destaca a diversidade de gêneros literários e sua contribuição para o entendimento do desenvolvimento linguístico e da sociedade egípcia. Assim, concluímos que a literatura egípcia é um legado cultural relevante, embora pouco explorado, e destaca a necessidade de ampliar os estudos nesse campo.

PALAVRAS-CHAVE: Egito Antigo – Literatura Egípcia – Cultura Egípcia

ABSTRACT: The article addresses the rise of the discipline of Egyptology in the country and its peripheral position compared to the study of classical cultures. In this context, Egyptian literature, despite its value, receives little attention, being rarely discussed in textbooks and university courses. The importance of exploring this literature to understand ancient society is emphasized, and here we highlight how sociocultural aspects can contribute to comprehending the mentality of the time. The definition of literature is also discussed, as well as how Egyptian literary production was interconnected with written language and linguistic evolution. The text also emphasizes the diversity of literary genres and their contribution to understanding linguistic development and Egyptian society. Thus, we conclude that Egyptian literature is a relevant cultural legacy, albeit scarcely explored, and underscores the need to expand studies in this field.

KEY WORDS: Ancient Egypt – Egyptian Literature – Egyptian Culture

A disciplina de Egiptologia está em ascensão no nosso país. No entanto, em comparação, ainda é considerada um campo periférico de estudo aqui, pois a maioria dos especialistas em História Antiga direciona sua atenção para as

² Professora substituta de História, no Colégio Pedro II; professora substituta de Língua Espanhola, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em História, pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Contato: alessandravale.rj@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6996-1887>.

culturas clássicas da Grécia e Roma. Além disso, a investigação histórica desse período é menos frequente, já que muitos historiadores brasileiros preferem concentrar seus esforços na pesquisa e desenvolvimento da História Moderna e Contemporânea, especialmente em relação à história nacional.

A história do Egito Antigo atrai um significativo número de entusiastas ao redor do mundo. Aqueles fascinados pelos imponentes vestígios deixados pelos antigos egípcios têm acesso a uma ampla variedade de literatura, muitas vezes não acadêmica e de qualidade historiográfica questionável. Tópicos como mitologia e religião são particularmente populares, enquanto aspectos como literatura, economia e sociedade recebem menos atenção, seja por não serem tão atraentes ao público em geral, seja pela falta de estudos especializados nessas áreas.

Dentre os tópicos de estudo destacados, a literatura egípcia, que é o que nos interessa, recebe ainda menos atenção. Isso pode ser comprovado se considerarmos que dificilmente existem referências a textos egípcios deste tipo em livros didáticos utilizados em escolas de Ensino Fundamental e Médio que, ao abordarem a antiga sociedade egípcia, acabam ressaltando apenas os aspectos políticos, econômicos, sociais e religiosos; e que, de modo geral, os escritos deste gênero também são muito pouco analisados nos cursos de História das universidades, que dispõem de pouco tempo disponível para o ensino do antigo Egito – ao menos nas disciplinas que são obrigatórias para todos os alunos – e, quando muito, apresentam uma visão *en passant* da mesma, por enfatizarem os já citados temas que costumam ser vistos no ensino básico.

Nesse contexto, estudos que abordam a dimensão sociocultural, como o presente, desempenham um papel crucial e contribuem significativamente para a compreensão mais abrangente dos padrões de vida e mentalidade da sociedade egípcia da época. É incontestável, portanto, a importância de explorar os períodos e as civilizações da Antiguidade, uma vez que eles são fundamentais para compreender o desenvolvimento social e a identidade individual. Essa exploração permite a percepção das influências comportamentais legadas por essas civilizações, contribuindo para uma melhor apreensão da diversidade cultural e

humana contemporânea. Isso ocorre porque grande parte da cultura atual é moldada pelo conhecimento e criações das comunidades do passado, já que a História, entre outros elementos, investiga as mudanças e continuidades ao longo do tempo. Como expressou Norberto Luiz Guarinello, grande especialista em História Antiga:

continua sendo uma parte importante da História Mundial, sem a qual não podemos compreender como surgiu o mundo contemporâneo. E é importante para nós, brasileiros. Ela nos foi ensinada como a chave de nossa identidade. Precisamos conhecê-la bem, para entendê-la de modo crítico. Ela faz parte de nossa memória social, da visão de nós mesmos como ocidentais. (GUARINELLO, 2013, p.47)

Após destacarmos o ponto de vista supracitado, partiremos, enfim, para a discussão acerca dos estudos literários referentes à sociedade egípcia na Antiguidade.

Para os antigos egípcios, a palavra registrada possuía um imenso poder, e é incontestável que a literatura surge de maneira intrínseca a um ambiente onde a escrita era altamente valorizada. Dessa forma, a literatura do Egito desempenhava, sem questionamento, um papel significativo como forma de expressão para os indivíduos da época, particularmente para aqueles que possuíam o domínio da escrita.

A produção literária do Egito, que será abordada a seguir, foi extraordinariamente vasta. Com base nas definições propostas por Emanuel Araújo (ARAÚJO, 2000), cuja abordagem didática optamos por adotar nesta pesquisa, observamos que muitos textos egípcios tratavam de assuntos similares e apresentavam características distintas que nos possibilitam categorizá-los como integrantes de conjuntos literários específicos. Além disso, uma parcela significativa desses textos possuía um caráter ficcional, narrando histórias de aventuras, contos fabulosos e outras tramas.

Mesmo nos dias atuais, a obtenção de um consenso sobre a definição de um texto literário continua sendo um desafio. Na tentativa de conceituar a Literatura, iremos referenciar o ponto de vista do renomado sociólogo e crítico literário brasileiro Antonio Candido (CANDIDO, 2014) – com o qual concordamos plenamente. No primeiro capítulo de seu manual sobre a formação da literatura

brasileira, ele oferece uma distinta caracterização para essa manifestação artística. Conforme Candido, a literatura pode ser definida como:

um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase. Estes denominadores são, além de características internas (língua, temas, imagens), certos elementos da natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilo), que liga uns a outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contacto entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade. (CANDIDO, 2014, p.25).

É crucial enfatizar que o progresso da literatura egípcia, além de desempenhar um papel social significativo, sempre esteve intrinsecamente vinculado às evoluções na língua falada pelos egípcios e em suas formas de escrita. Nesse contexto, a expansão da produção literária e o subsequente surgimento de novos gêneros só se tornaram possíveis graças às transformações que resultaram em uma maior complexidade gramatical na versão escrita da língua egípcia. A literatura, portanto, emerge como um componente inseparável do desenvolvimento linguístico no Egito Antigo.

Na sequência, Antonio Candido apresenta como se daria o processo de formação da continuidade literária, outro aspecto que acreditamos ser perceptível na composição e transmissão da literatura egípcia, como veremos:

Quando a atividade dos escritores de um dado período se integra em tal sistema, ocorre outro elemento decisivo: a formação da continuidade literária, – espécie de transmissão da tocha entre corredores, que assegura no tempo o movimento conjunto, definindo os lineamentos de um todo. É uma tradição, no sentido completo do termo, isto é, transmissão de algo entre os homens, e o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento, e aos quais somos obrigados a nos referir, para aceitar ou rejeitar. Sem esta tradição não há literatura, como fenômeno de civilização. (CANDIDO, 2014, p.25.)

A assiduidade literária no Egito foi visível ao longo dos séculos de

existência daquela sociedade. Mesmo que a escrita e a composição de seus textos tenham passado por processos de desenvolvimento e complexificação ao longo do tempo, certos aspectos e estilos literários permaneceram vivos em toda a sua história.

Com base nos elementos mencionados anteriormente e nos que serão introduzidos ao longo do restante deste artigo, podemos considerar a literatura egípcia como um legado cultural significativo deixado por aquela sociedade à humanidade e que, por esse motivo, consideramos que deveria ser mais explorado como campo de estudo. De acordo com a perspectiva de Georges Posener, acreditamos que ela representa:

um estágio num longo caminho que se estende até os nossos próprios dias e que, sem ele, não teria sido exatamente o mesmo, ou, se preferir, um tributário que serviu entre muitos outros para criar o curso que ainda seguimos. Essa contribuição, por mais indireta e frágil que seja, constitui uma forma de herança. Mas, em acréscimo ao papel histórico do Egito no desenvolvimento da literatura mundial, também existe o fato de que o trabalho dos eruditos tornou acessível ao homem moderno as obras de imaginação e de pensamento criadas pelos antigos egípcios. [...] Nossa dívida para com o Egito aumenta, e o conceito de legado torna-se, ao mesmo tempo, mais pessoal e íntimo, quando, lendo traduções de literatura faraônica, verificamos que ainda há obras capazes de nos proporcionar prazer, suscitando interesse, ou ativando nossas emoções. [...] permanece o fato de que a "História de Sinuhe", alguns contos e poemas e certas máximas de homens sábios conseguem emocionar o leitor moderno por suas qualidades intrínsecas. (POSENER, 1993, p.231-232).

Além dos elementos mencionados anteriormente, Posener (POSENER, 1993, p.232.) também observa que o encanto gerado pela antiguidade e pela natureza, frequentemente considerada exótica, da sociedade egípcia, continua a despertar o interesse das pessoas e serve, inclusive, de inspiração para a criação de romances e narrativas policiais contemporâneas. No entanto, o autor destaca que, apesar de haver pesquisadores que defendam a influência dos textos egípcios na literatura de outras sociedades - como nos escritos bíblicos dos antigos israelitas ou em certos textos deixados por sociedades mesopotâmicas - são raros os exemplos de tais empréstimos ou influências que possam ser substancialmente comprovados. Nesse contexto, a intenção não é:

tentar a qualquer preço tornar a literatura egípcia a fonte em que beberam todos os outros povos da Antiguidade. Não devemos, portanto, deter-nos na possível contribuição dos egípcios a outras nações, mas, antes, concentrarmo-nos naqueles elementos que encontram um paralelo em gêneros explorados mais tarde, em temas tratados em outra parte e em formas literárias empregadas até o presente. Ver-se-á que os egípcios foram pioneiros ou precursores em muitos campos, e não lhes é menor o merecimento se outros não foram capazes de se beneficiar com suas descobertas. (POSENER, 1993, p.233).

Ao longo da Antiguidade, a literatura egípcia apresentou uma notável diversidade. Inúmeros textos foram descobertos, escritos em diferentes versões da língua escrita egípcia, o que revela, entre outros aspectos, a impressionante criatividade dos escribas locais e a importância que a sociedade dava aos registros por escrito. Além da abundância de textos sobreviventes – que sem dúvida é muito menor do que o número de textos originalmente produzidos – sua qualidade e variedade de gêneros textuais demonstram que os egípcios eram uma referência em produção literária em sua época.

Os textos que chegaram até nós foram encontrados em materiais como papiro, madeira, pedra ou argila, alguns dos quais extremamente frágeis. Isso nos leva a questionar como eles resistiram ao teste do tempo e quantos provavelmente foram perdidos – especialmente considerando que muitos deles estão mal preservados ou fragmentados, o que se apresenta como um desafio significativo para o estudo do desenvolvimento da literatura egípcia na Antiguidade.

Outro desafio é a língua em que foram escritos, já que frequentemente ela varia consideravelmente de um texto para outro, mesmo entre aqueles que hoje consideraríamos pertencentes ao mesmo gênero literário ou da mesma época. Além disso, muitos textos estão incompletos e a deterioração causou a perda de palavras-chave, criando lacunas que dificultam sua compreensão.

Se nos baseássemos apenas nos textos dos quais temos conhecimento para estudar a literatura egípcia antiga, teríamos uma visão distorcida da produção e das funções literárias da época. Por isso, é fundamental reconhecer que grande parte desse material foi perdida, principalmente devido à fragilidade

do papiro, que era um dos principais meios de inscrição de textos literários no Egito Antigo.

Predominantemente desértico, o clima local contribuiu para a preservação da maioria dos textos egípcios antigos descobertos até agora, tendo sido muitos deles encontrados em túmulos, o que justifica o caráter funerário da maior parte. No entanto, os textos literários não tiveram a mesma sorte, pois muitos egípcios não costumavam vê-los como essenciais para a vida após a morte, o que é evidente pela escassez desses documentos em túmulos e, conseqüentemente, pela quantidade limitada de textos desse tipo atualmente, em comparação com os relacionados à vida após a morte.

A redação de textos literários geralmente ocorria nas cidades. No entanto, essas áreas não possuíam o clima seco do deserto, que contribuía para a conservação, o que resultava em condições menos favoráveis para a preservação dos originais, em comparação com textos de natureza funerária. Isso justifica, em parte, a perda de muitos papiros desse tipo.

Não podemos esquecer dos saques às tumbas, que eram comuns naquela época – e por muitos séculos posteriores –, como outro fator prejudicial à preservação dos escritos associados a eles. Como muitas vezes objetos de valor ou do cotidiano eram depositados junto aos mortos, inúmeras fontes históricas foram perdidas, incluindo papiros com registros textuais.

Embora haja desafios como esses e, mesmo sabendo que sobreviveram em menor quantidade, muitos textos foram localizados em cidades egípcias. Além disso, devemos considerar que novas descobertas arqueológicas ainda estão acontecendo e acredita-se que muito ainda está por ser revelado sobre a escrita e a literatura egípcias.

Outro aspecto a ser levado em consideração é que a maior presença de determinados tipos de textos não se deve apenas ao ambiente de produção e localização, mas muito provavelmente também à sua frequente cópia. Um exemplo notável é o da literatura escolar, ou seja, os escritos que eram frequentemente reescritos por escribas em treinamento como parte de seu

processo educacional. Alguns desses textos, como o manual *Kemyt*³ (c. de 2000 a.C.), por exemplo, já foram reproduzidos em centenas de cópias, mas a maioria das que foram localizadas encontram-se em versões parciais.

Há também outros textos que, mesmo não sendo encontrados em grande quantidade, foram muito copiados. Acreditamos que isso se deve à apreciação desses textos por parte dos indivíduos mais cultos ou ricos da sociedade egípcia. Eles eram reproduzidos com maior qualidade, o que é evidente ao compará-los com as versões escolares, contribuindo significativamente para sua preservação.

É inegável que as obras mais populares entre os egípcios eram frequentemente transcritas, o que nos leva a concluir que tinham maior probabilidade de sobreviver e, conseqüentemente, de serem encontradas com mais facilidade do que aquelas menos apreciadas. No entanto, não podemos descartar a possibilidade de que textos populares e amplamente copiados tenham desaparecido totalmente, assim como a de textos únicos poderem ter sobrevivido.

A disciplina da Egíptologia enfrenta todos esses desafios na busca por fontes para suas pesquisas. No entanto, graças ao esforço conjunto de arqueólogos, historiadores, linguistas e outros profissionais, os conhecimentos sobre a história egípcia antiga continuaram a crescer desde a descoberta de Champollion sobre a decifração dos hieróglifos no início do século XIX.

Considerando esses pontos, chegamos à conclusão de que a variedade de formas de escrita na sociedade egípcia e a diversidade de textos literários deixados ao longo de sua história na Antiguidade oferecem elementos interessantes e diversos em comparação com as formas de escrita alfabética predominantes hoje em dia, usadas no Brasil e em grande parte do mundo há muitos séculos. Isso não apenas ressalta a diversidade e qualidade de seus escritos, mas também contribui significativamente para o entendimento dessa sociedade importante. Além disso, esses textos são fundamentais para a

³ Surgido no Reino Médio, era uma coletânea de textos literários, utilizado como manual para a formação dos escribas.

investigação do desenvolvimento da linguagem e das formas de escrita da humanidade desde seus primórdios até o presente. Portanto, é crucial reconhecer a enorme importância deles para os estudos históricos e filológicos – que continuam a evoluir constantemente – e a necessidade da ampliação de seus estudos em universidades e de sua divulgação científica.

No âmbito da produção da literatura egípcia, Antonio Loprieno afirma que no final do século XIX existiam duas perspectivas entre os egiptólogos: a primeira defendia que a criação literária estava vinculada a eventos históricos; a segunda considerava todos os tipos de texto como literatura, “praticamente sem levar em conta qualquer consideração tipológica, podendo-se reunir num mesmo conjunto matéria funerária, narrativa, crônica etc.” (LOPRIENO, 1996, p.36). No entanto, de acordo com Donald Redford, é “necessário fazer uma distinção entre duas definições da literatura: (1) qualquer coisa escrita e (2) *belles-lettres*, ou escritos que incluem uma dimensão imaginativa e criativa, mesmo que seu objetivo principal possa ser mais utilitário (uma oração, uma carta, uma instrução moral)” (REDFORD, 2001, p.299).

Nos tempos atuais, a abordagem predominante busca compreender a obra dentro de sua própria estrutura textual, além de considerar suas relações contextuais e intertextuais como objetos de pesquisa. Dentro do campo teórico, embora não haja um consenso, geralmente existem duas definições fundamentais, que são a da linguagem literária em geral e a do gênero literário em particular.

Em contraste com os formalistas russos, influentes teóricos nos estudos literários do início do século XX, como Roman Jakobson (JAKOBSON, 2003.), que concebiam a literatura como uma linguagem “especial” em oposição à linguagem “comum” que usamos no dia a dia, Araújo sustenta:

A questão não reside em negar a linguagem literária como objeto específico, mas em ampliar a abordagem tendo em vista, entre outros, o fator capital da recepção, pois o que significa ‘fato literário’ para determinada época pode não ultrapassar o ‘fato linguístico’ em outra, e vice-versa (ARAÚJO, 2000, p.36).

De acordo com José Luís Jobim, os formalistas russos conceberam “que seria possível constatar uma propriedade, presente nas obras literárias, que as caracterizaria como pertencentes à literatura. Para denominar esta propriedade, criaram o termo *literaturnost*, que foi traduzido para a língua portuguesa como literariedade” (JOBIM, 2009). Em relação a esse conceito, as opiniões ainda são divergentes hodiernamente, com argumentos tanto a favor quanto contrários a essa definição. Quanto a esse assunto, tendemos a apoiar o primeiro ponto de vista, embora com algumas ressalvas, porque:

A argumentação positiva sustentaria que existe a "literariedade", porque podemos verificar objetivamente a existência de propriedades ou características que, quando presentes em uma obra qualquer, permitem-nos não só classificá-la como literária, como também inscrevê-la em um estilo de época. A "literalidade" seria aquela propriedade, caracteristicamente "universal" do literário, que se manifestaria no "particular", em cada obra literária. Contudo, é bom lembrar que, em vez de imaginar que a "literariedade" é um universal que se manifesta no particular, podemos também supor o contrário: a "literariedade" seria um particular que se pretende universal. Nesta perspectiva, "literariedade" seria um rótulo que receberiam os critérios socialmente estabelecidos para se considerar uma obra como pertencente à literatura. Assim, o pesquisador selecionaria, dentre todas as obras de natureza verbal, aquelas que possuísem a tal "literariedade", para formar a lista das obras reconhecidas como literárias. Por outro lado, a argumentação contra a existência de uma propriedade que possibilitasse a identificação de uma obra como literária afirma que o termo "literariedade" não teria um conteúdo permanente, mas variável. Em outras palavras, Roman Jakobson poderia ter-se equivocado, ao imaginar a "literariedade" como "aquilo que faz uma mensagem verbal uma obra de arte" [...], porque "aquilo" variaria de acordo com o momento. (JOBIM, 2009).

Roman Jakobson, por sua vez, defendia que a linguagem deveria ser estudada em todas as suas variadas funções (JAKOBSON, 2003, p.122). De acordo com o autor:

Antes de discutir a função poética, devemos definir-lhe o lugar entre as outras funções da linguagem. Para se ter uma ideia geral dessas funções, é mister uma perspectiva sumária dos fatores constitutivos de todo processo linguístico, de todo ato de comunicação verbal, O REMETENTE envia uma MENSAGEM ao DESTINATÁRIO. Para ser eficaz, a mensagem requer um CONTEXTO a que se refere (Ou "referente", em outra nomenclatura algo ambígua), apreensível pelo destinatário, e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um CÓDIGO total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário (ou, em outras palavras, ao codificador e ao decodificador da mensagem); e, finalmente, um CONTACTO, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a ambos a entrarem e permanecerem em comunicação. [...] Cada um desses seis fatores

determina uma diferente função da linguagem. (JAKOBSON, 2003, p.122-123).

Jakobson também afirmava que, embora seja possível distinguir esses “seis aspectos fundamentais da linguagem” (JAKOBSON, 2003, p.122), é difícil encontrar

mensagens verbais que preencham apenas uma única função. A diversidade não está em monopolizar uma dessas várias funções, mas em diferentes hierarquias de funções. A estrutura verbal de uma mensagem depende principalmente da função predominante (JAKOBSON, 2003, p.122).

Portanto, embora haja uma inclinação para “o referente, uma orientação para o CONTEXTO – em resumo, a chamada função REFERENCIAL, ‘denotativa’, ‘cognitiva’” (JAKOBSON, 2003, p.122), é importante reconhecer a presença de outras funções na mensagem.

Dessa forma, finalmente concordamos com Loprieno quando ele declara:

Todos os gêneros textuais podem ser fontes de importância fundamental para a reconstrução das atitudes históricas ou religiosas nas quais o diálogo entre um autor e um texto, por um lado, e um texto e seus leitores, por outro. (LOPRIENO, 1996, p.36).

A esse respeito, Assmann afirma que

“textos culturais” são historicamente mais informativos pelo que revelam implícita do que pelo que afirmam explicitamente. Muitos textos egípcios buscarão a elegância estética e empregarão certos dispositivos prosódicos, independentemente do discurso a que pertencem, e até certo ponto também, independentemente da natureza das informações que transmitem. O que torna a literatura merecedora de um tratamento discreto é sua função principal, que pode ser descrita como “poética”, isto é, auto referencialmente orientada para a mensagem em si [...]. (ASSMANN, 1999, p.15).

Em suma, ao percorrer os meandros da literatura egípcia e das teorias linguísticas, fica evidente que as definições e abordagens em relação à linguagem e à literatura são multifacetadas e sujeitas a interpretações diversas, além de se configurarem como um frutífero campo de estudo.

As considerações sobre as funções da linguagem, a natureza da literatura egípcia e a evolução das teorias literárias demonstram a contínua busca por compreender a expressão humana em suas múltiplas facetas. Ademais, tornam

evidente a necessidade de estudá-las mais a fundo, utilizando-as como base de análise no ensino da História Antiga.

Diante disso, podemos concluir que a literatura e a linguagem são territórios férteis para a exploração intelectual, com pontos de vista variados que contribuem para uma apreciação mais abrangente da diversidade e da profundidade dessas formas de expressão. Enquanto os debates persistirem e novos enfoques forem desenvolvidos, a jornada para decifrar os mistérios da literatura e da linguagem continuará a cativar e enriquecer a nossa compreensão do mundo e da mente humanos.

No campo da Egíptologia, portanto, a literatura egípcia ainda segue recebendo menos atenção, mesmo sendo um reflexo importante da sociedade da época e, por esse motivo, dificilmente é abordada em escolas ou universidades, embora seja crucial para entender a cultura e identidade daquela antiga sociedade. Apesar dos desafios, necessitamos persistir em explorar a riqueza da literatura egípcia e suas implicações históricas e culturais em nossa formação como historiadores.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Emanuel. *Escrito para a eternidade: A literatura no Egito faraônico*. São Paulo: Editora UNB, 2000.

ASSMANN, Jan. "Cultural and Literary Texts". In: Gerald Moers (Org.). *Egyptian literature*. Proceedings of the Symposium "Ancient Egyptian Literature - History and Forms", Los Angeles, March 24 - 26, 1995 (Lingua Aegyptia: Studia Monographica 2), Göttingen, 1999.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. 15ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2014.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *História Antiga*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

JAKOBSON, Roman. "Linguística e Poética". In: *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix, 2003.

JOBIM, José Luís. "Literariedade". In: *E-Dicionário de Termos literários de Carlos Ceia*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa / Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies / Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2009.

LOPRIENO, Antonio. "Defining Egyptian Literature: Ancient Texts and Modern Theories". In: *Ancient Egyptian Literature: History and Forms*. Leiden, New York, Cologne: E.J. Brill, 1996.

POSENER, Georges. "Literatura". In: HARRIS, J. R. (Org.), tradução de Henrique de Araújo Mesquita. *O Legado do Egito*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993.

REDFORD, Donald B. "Literature". In: *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*. Vol. 2. New York: Oxford University Press, 2001. p.299.